

Monte dos Burgos – Campanhã

Na linha de autocarro nº 205 da Sociedade dos transportes colectivos do Porto que vindo de Castelo do Queijo me levava de Monte dos Burgos a Campanhã, nesse domingo de sol ainda orvalhado pela chuva noturna, sentou-se a meu lado uma mendiga, uma sem abrigo que dormia à chuva e ao vento como me disse, sentando-se a meu lado, sem me olhar. Para matar a fome pediu uma moeda estendendo a mão e poisou sobre mim um olhar cujo brilho intenso tanto podia ser de cobiça ou da febre da fome. Depois que guardou a moeda encostou a mim as roupas tão usadas como o corpo magro pela usura da vida exposta e não dos anos, diziam-me as suas mãos de pele lisa e a sua forte cabeleira de ébano. A fome de comida colara-se-lhe ao corpo sem que a pudesse domar. Percebi-lhe o olhar com que me aprisionava e as astúcias com que pretendia obter a esmola de mim, sua presa momentânea. Ocorreu-me que se acaso nos encontrássemos a sós num caminho isolado, se a ameaça e o desgosto que lhe turvava o olhar a impelisse ao roubo, o que faria eu? Abri o porta moedas e mostrei-lhe o que ali levava. Recolheu uma moeda de dois euros. Pelo modo de enlaçar os dedos não é pobre de nascença mas de queda na desgraça, conclui.

-Não tive ajuda de ninguém...lamentou-se. Desenlaçou os dedos. As mãos morenas, lisas e sem manchas diziam que as guardava como um tesouro de tempos felizes.

-Voltou lá, à sua vida passada?- ousei.

Guardadas como um tesouro custava-lhe articular as palavras. A custo balbuciou:-Quis.... - e mais não disse, quem sabe se para proteger alguém no mundo que a deixou cair.

Todos os mendigos que passam pelas ruas ou pelos transportes públicos surgem à nossa imaginação como vindos das alforjas* da cidade onde quando doentes se acoitam. Estremeci de receio do Covid e de uma qualquer doença mortal que ela me contagiasse e quase levei a mão para abrir a carteira e colocar a máscara, mas algo reteve a minha mão assustada. Havia entre nós alguém, uma terceira pessoa que nos observava do outro lado do muro da invisibilidade. Senti-lhe a presença mas não a

identifiquei enredada como estava na teia dos saberes que me protegessem dela, um ser sem defesa, um ser exposto a todas as inclemências.

O chófer do autocarro que nos observava, gritou-lhe:-Sabes que não podes estar aí.

Com a cabeça miúda encostada ao meu ombro espiava com um olho cintilante o meu rosto como se fosse um troféu.

-Estou com tanta fome! disse, encarando-me com a boca sem dentes ,num esgar. Dominava o meu medo quando a ouvi dizer cruzando as mãos como se quisesse rezar mas não tivesse a quem:-Nunca tive quem me ajudasse, ouviste?

Um pensamento atravessou o meu espírito: « Se a ajudasse ficava como ela e certamente também eu não tinha quem me ajudasse » .

Entendi o que acabava de dizer como um apelo e uma censura velada.Disse-lhe para me desculpar e para a consolar :-Não vivo no Porto, estou de passagem. E tenho de pagar a passagem para Lisboa.

Repetiu:-Não tive ajuda de ninguém. A fome, a fome é terrível...e dormir à chuva...tu não sabes...

Esquivei-me ao seu gesto de encostar a face ao meu ombro. As roupas dos mendigos, devido às privações, guardam em si os cheiros da corrupção pela fome que dá febre. A voz um pouco rouca lançava o seu lamento ao turbilhão do vento do esmolar. Os esgares diziam mais do que as palavras o sofrimento que ia minando as forças da resistência com que ensaiava vencer o golpe final na sua ainda que precária autonomia.

Quando chegámos à estação Porto Campanhã, disse-me:-Levo-te a mala mas só até à porta porque lá não gostam de mendigos. Dá-me só uma moeda.

Dei-lhe a moeda e parti levando ainda no rosto o hálito febril com que articulou estas palavras que significavam que a usura com que alcançava as moedas da sua sobrevivência fora rompida em nome do elo que une sem exceção os membros da família humana.

Partiu para o seu destino sem rumo e eu parti para Lisboa e não pensei mais no assunto tanta coisa tinha para fazer e arrumar. Deitei-me cedo devido ao cansaço da viagem e ao esforço de comunicação no convívio onde apresentei o meu livro Os Timorenses (1980-1988) . Não levei nada de importante para a viagem desta minha noite de sono depois de tantas noites mal dormidas. Liberte-se o povo dos grilhões da fome e da miséria e poderemos vê-lo assumir a plenitude da sua dignidade, foi o meu último pensamento.

Pela manhã, acordada de um sono leve, peguei em papel e lápis e comecei a escrever este texto tendo na mente a figura da mendiga e, irrompendo das neblinas da memória «a pessoa de uma mendiga prostrada no passeio e evocada pela poeta Maria Azenha* na leitura do seu livro de poemas «A Casa da Memória». E anotei:« O poeta enquanto terceira pessoa».

*Alfurja: rua estreita entre as casas, onde se lançava o despejo delas ou de qualquer área para este serviço.(Do ár. alfurja, fenda, interstício).

*Maria Azenha leu os seus poemas no Convívio Literário partilhado comigo e organizado pela Radio Transforma e a Revista InComunidade, a 26 de outubro de 2024.

Joana Ruas